



O esporte olímpico na Marinha do Brasil

Roberto Sander
Jornalista

E-mail: rsmaquinariaeditora@gmail.com

No fim do século XIX, começaram a surgir os primeiros movimentos de aproximação do esporte com as Forças Armadas. Com o passar dos anos, esse fenômeno foi cada vez mais se consolidando. Até que em 25 de novembro de 1915, foi criada a Liga de Sports da Marinha. Em 1922, foi criado o Centro Militar de Educação Física pelo Exército. O objetivo era dirigir, coordenar e difundir o método mais moderno de educação física e suas aplicações desportivas. No entanto, apenas quatro anos depois, em 1929, esse sistema foi efetivamente colocado em prática, passando a formar militares e civis para atuação nas corporações militares e escolas da Educação Básica. Mas antes disso, em 1925, foi também fundada a Escola de Educação Física da Liga de Sports da Marinha que formou a sua primeira turma de monitores para atuação na Força em 1928.

Esses dados históricos comprovam que a preocupação com o fomento da atividade esportiva não é de hoje. Faz parte de uma política da Marinha que reconhece na ativi-

dade física um fator essencial para a formação de militares. Essa questão ganhou espaço na Força a partir de discussões que buscavam uma nova estruturação interna da MB, como narra a pesquisadora Karina Barbosa Cancelli em seu artigo *O esporte e a Marinha do Brasil*:

“O processo de modernização nas Marinhas ao longo do século XIX e a introdução da tecnologia a vapor nas guerras no mar introduziram novas discussões sobre o preparo físico e técnico do pessoal de bordo. Os projetos de modernização da Marinha do Brasil, iniciados em 1906 sob as ações do Ministro da Marinha Almirante Alexandrino Faria de Alencar, retomando algumas propostas de seu antecessor, Almirante Júlio César de Noronha, levantaram necessidades de outras formas de treinamento dos marinheiros para a manipulação dos novos tipos de maquinário que compunham os navios, além do aumento do número de profissionais necessários para as atividades de bordo.”

Entretanto, antes mesmo da criação da Escola de Educação Física da Marinha já há registros de competições. Os primeiros são de 1915, quando foi fundada a Liga de Sports da Marinha (LSM), quando foram institucionalizadas várias modalidades. Foram inúmeras ações na organização de competições, incentivo à participação dos militares e divulgação na comunidade. Os Jogos eram realizados entre grupos que representavam os navios e organizações militares de terra da Marinha, entre eles do Exército Brasileiro e também com equipes civis. Modalidades como Vela, Natação, Remo, Water polo, Mergulho, Futebol, Cabo de guerra, Atletismo, Basquetebol, Esgrima e Tiro ao alvo passaram a ser praticadas e, por consequência, competições foram organizadas.

O resultado foi o surgimento de alguns atletas que, com base na formação esportiva proporcionada pela Escola Naval, acabaram por representar o Brasil nos Jogos Olímpicos. O caso mais emblemático foi o do tenente Mário Hermes. Atleta de basquete, ele fez parte também do time do Flamengo que tanto brilhou na década de 1950, quando venceu 189 jogos dos 193 que disputou. O prestígio de Mário Hermes era tanto que coube a ele a honraria de conduzir a bandeira brasileira no desfile de abertura dos Jogos Olímpicos de 1952, em Helsinque, na Finlândia. O Brasil ficou em sexto lugar e Mário Hermes marcou 46 pontos nas oito partidas disputadas. Em 1954, Mário também faria parte da Seleção Brasileira que ficou com o vice-campeonato mundial.

No Tiro, dois nomes formados nos quadros da Escola Naval também representaram o Brasil em Jogos Olímpicos, ambos em Moscou (1980). Foram eles Silvio de Souza Aguiar Carvalho e Fernando Lessa Gomes. Silvio esteve também nos Jogos Pan-Americanos de Porto Rico (1979), de Caracas (1983) e também nas Olimpíadas de Los Angeles (1984). Já Fernando Lessa, além de ter sido campeão brasileiro em várias modalidades de armas curtas, chegou a igualar o recorde olímpico e mundial em treinamentos controlados, visando os Jogos Olímpicos de Los Angeles.

OS NOVOS TEMPOS

Nos últimos anos, uma política de integração entre atletas de alto rendimento e as forças armadas tem se consolidado e se mostrado altamente recompensadora, chegando ao ápice com a proximidade dos Jogos Mundiais Militares, que o Rio de Janeiro sediou em 2011. Muito rapidamente o retorno do investimento feito foi obtido, pois os brasileiros conseguiram a liderança no quadro de medalhas. O resultado trouxe ânimo para que o projeto fosse ainda mais incentivado. Não por acaso, nos Jogos Olímpicos de Londres 2012, foram 5 medalhas militares, sendo três do Exército e

duas da Marinha, com as judocas Sarah Menezes (ouro/categoria 48 kg) e Mayra Aguiar (bronze/categoria 78 kg). Em 2014, Mayra sagrou campeã mundial de judô.

Para dar ainda mais impulso a essa parceria foi criado, em 2013, o Programa Olímpico da Marinha (Prolim). Assim sendo, a estrutura se organizou trazendo ainda mais benefícios e resultados. Hoje em dia, o time de atletas ligado à Marinha do Brasil conta também com nomes de expressão como Alison Conte Cerutti e Bruno Oscar de Almeida Nogueira Schmidt, do vôlei de praia masculino; Bárbara Seixas de Freitas e Ágatha Bednarczuk Rippel, do vôlei de praia feminino; Mayra Aguiar, do judô, medalhista olímpica e atual campeã mundial dos meios pesados (87 kg); as velejadoras campeãs mundiais e prata nos Jogos Panamericanos Martine GraeL e Kahena Kunze, além das medalhistas de bronze pan-americanas Fernanda Decnop, também na vela, e Etiene Medeiros, da natação (ouro no Pan 2015, nos 4x100 m livre e revezamento 4 x 100 m Medley). Etiene também foi ouro no 50 m costas e recordista da prova, no Mundial de piscina curta de Doha 2014 e prata nos 50 m costas no Mundial de natação de Kazan 2015 na Rússia. A remadora Fabiane Beltrame conquistou a prata no Panamericano e 4º lugar no Mundial de Remo da França. Aline Silva, vice-campeã mundial de Luta Olímpica, e o campeão pan-americano de Taekwondo Diogo Silva, também estão na lista dos grandes atletas:

“Não fomos muito bem no início da competição. Depois nos recuperamos, e não deu tempo para pegar o ouro, mas ficamos felizes com o resultado. Foi um grande aprendizado, principalmente para a Rio 2016”, declarou Martine GraeL.

Já o Campeonato Mundial de Vôlei de Praia, realizado entre os dias 26 de junho e 5 de julho, foi uma mostra do que nossos atletas podem conseguir nessa modalidade em 2016. As duplas da Marinha do Brasil formadas por Bruno Schmidt/Alison e Bárbara Seixas/Ágatha sagraram-se campeãs mundiais nas respectivas categorias. O importante resultado garantiu ao Brasil, duas vagas extras para os Jogos Olímpicos Rio 2016.

Mas não só de atletas consagrados vive o projeto. O programa Força no Esporte (Profesp) e o Projeto Marinha-Odebrecht trabalha sem tréguas para formar atletas nas categorias de base dos esportes que aproveitam o Centro de Educação Almirante Adalberto Nunes (Cefan) como centro de Treinamento. O Almirante Carlos Chagas, comandante do CEFAN, explica os objetivos das duas estratégias:

“Para termos resultados em 2016 necessitávamos pegar atletas em altíssimo rendimento. Este trabalho está sendo feito, e temos autorizado um efetivo máximo de 242 atletas. Mas é

Alison e Bruno
Vôlei de Praia



Diogo Silva
Taekwondo



Sarah Menezes
Judô



Kahena Kunze e Martine Grael
Vela

crucial o trabalho de base de onde surgirão os atletas do futuro."

Mas o programa, ainda segundo o Almirante, não para por aí:

"Já estão sendo abertos editais para novas vagas. Tudo vem dando certo e nossa expectativa é mantê-lo. Estamos procurando atuar com vigor na base, em projetos de longo prazo. Não temos dúvidas de que dessa forma os resultados serão cada vez maiores."

A prova disso foi a colheita dos primeiros frutos. Em maio desse ano, no Troféu Brasil de Atletismo, a Marinheira Vitória Rosa alcançou o índice olímpico para 2016 nos 200 metros. Um mês antes, em abril, a velocista de apenas 19 anos já havia vencido a eliminatória brasileira do Desafio Bolt Contra o Tempo.

Ao entrar na Marinha através de um edital, o tempo de permanência é oito anos no máximo. Nesse período avaliações anuais são feitas para que as performances sejam controladas. Dependendo dos resultados, os atletas prosseguem ou não no programa. A judoca Mayra Aguiar, também Sargento da MB, enxerga uma similaridade entre o ritmo dos treinamentos e a rotina no quartel:

"O atleta precisa de tranquilidade para treinar. E aqui temos estrutura tanto esportiva quanto financeira. Treino em Porto Alegre, mas quando venho aqui no Rio tenho tatame e sala de musculação de primeira. Acho que a disciplina do judô me ajudou bastante. Também fui escoteira e acho que o que aprendi me ajudou nessa etapa da minha carreira. O ambiente é

muito bacana. Tem uma disciplina e hierarquia parecida com a que temos no judô."

No entanto, a obtenção de uma graduação tem uma contrapartida. Para isso, os atletas precisam ter um período de adaptação à vida militar. Nessa espécie de estágio, recebem os ensinamentos de técnicas de orientação e sobrevivência, aprendem a manusear armas e vivem a rotina dos demais militares. Diogo Silva encara essa experiência como essencial para a sua profissionalização. Compara, inclusive, a estrutura que conheceu no CEFAN como a encontrada por ele nos Estados Unidos:

"É como imaginar uma Universidade americana. Todos os tenentes que trabalham com a gente têm mestrado ou doutorado em treinamento esportivo, e assim possuem uma base científica muito forte. Nossos fisioterapeutas também têm ampla experiência. Temos espaço para treinar, descansar, alojamentos confortáveis que nos permitem ter uma rápida recuperação dos treinamentos. É o formato de sucesso nos Estados Unidos."

A GRANDE FERA

Nessa parceria estabelecida entre o Ministério da Defesa e o Ministério do Esporte, a trajetória de Sarah Menezes é simbólica. Não só pelo grande feito de ter sido a primeira mulher brasileira campeã olímpica no judô, mas também por reconhecer a importância da sua preparação feita como sargento da Marinha. Ela conta como tudo começou:



Etiene Medeiros
Natação
(revezamento 4 a 100)



Fernanda Decnop
Vela



Agatha e Barbara
Vôlei de Praia

“Assisti a uma apresentação do judô na minha escola, pois eles iam introduzir as aulas para os alunos. Lembro que gostei de cara e entrei logo para a primeira turma. Tudo começou como uma brincadeira, mas rapidamente comecei a treinar também no clube e, no mesmo ano, já estava competindo em campeonatos estaduais. Meus pais queriam que eu estudasse, e eu tive que prometer a eles que eu iria conciliar as duas coisas. Não foi fácil e ainda hoje não é.”

Logo Sarah se destacaria como um das grandes revelações do judô brasileiro. Tudo conquistado com muito sacrifício:

“Eu saía da escola, ia malhar, à tarde voltava para casa para fazer meus deveres e depois ia treinar o judô. Eu fazia isso diariamente, e foi a minha vontade e o incentivo do meu técnico que nunca me fez desistir, apesar de ter pensado nisso algumas vezes.”

Natural do Piauí, Sarah hoje é um verdadeiro exemplo para as novas gerações de atletas que sonham em um dia

se consagrar com uma medalha de ouro olímpica. Ela ressalta a necessidade de se estimular desde cedo a prática do esporte entre as crianças, não só pelo aspecto da competição em si, como também pela formação da cidadania:

“O esporte faz mais do que estimular a atividade física, ele ajuda a criança a se tornar um grande cidadão, ensina honestidade, respeito ao próximo, dedicação dentro e fora da sala de aula. Mesmo quem não se tornar atleta pode compreender que a vida é feita de sacrifícios, de escolhas e a gente tem que lutar para conseguir o que deseja”, afirma a campeã.

Sacrifício e perseverança são as palavras-chaves desse momento do esporte brasileiro. E, nesse sentido, a participação da MB tem sido de grande valia. Não só trazendo a estrutura necessária para que os atletas consigam os resultados, mas sobretudo pelo o espírito de disciplina que permeia a filosofia militar. Em 2016 nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, mais uma vez, esse conceito poderá ser comprovado.

VISITE NOSSO SITE

www.mar.mil.br/papem/

